



## **Representação da Seca no Ceará pelo Jornal Diário do Nordeste: uma proposta de pesquisa<sup>1</sup>**

Antonio Pinheiro TORRES NETO<sup>2</sup>

Luis Celestino de FRANÇA JÚNIOR<sup>3</sup>

Universidade Federal do Ceará – Campus Cariri, Juazeiro do Norte, CE

### **RESUMO**

Com o intuito de compreender a construção da representação sobre o fenômeno da seca, o seguinte trabalho irá apresentar uma proposta de pesquisa que buscará analisar a produção jornalística do periódico Diário do Nordeste como geradora de sentido acerca do tema supracitado. Dessa forma, o objetivo do artigo será expor uma contextualização do tema aqui discutido e o porquê da sua relevância. Além disso, faremos uma revisão bibliográfica de algumas teorias do jornalismo que problematizam a construção da notícia/reportagem através do discurso e da visibilidade.

**PALAVRAS-CHAVE:** representação; produção jornalística; seca; discurso.

### **1. INTRODUÇÃO**

Vivenciada por milhares como uma realidade, apontada por outros como grande determinadora de problemas para os que sofrem com os seus desdobramentos, a seca desde muito vive no imaginário dos indivíduos. A todo instante, objetos dotados de significado nos circundam e nos deixam variadas sensações que são interpretadas a partir do conhecimento de mundo trazido por cada um. Assim, a seca é dotada de uma simbologia construída em diversas instâncias, seja por aquele que a vê de perto, pelo olhar governamental ou pelo olhar jornalístico.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no IJ 1 – Jornalismo do XIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 15 a 17 de junho de 2011.

<sup>2</sup> Estudante de Graduação 3º semestre do curso de Jornalismo da UFC – Cariri. Integrante do grupo de pesquisa “Mídia, imagens e representações”. email: toinho\_62jua@yahoo.com.br

<sup>3</sup> Orientador do trabalho. Jornalista, Mestre em Comunicação pela UERJ, autor do livro “A fome na imprensa”. Professor do curso de Jornalismo da UFC – Cariri e integrante do grupo de pesquisa “Mídia, imagens e representações”. email: Luis-celestino@uol.com.br



Os estudos dirigidos ao tema também podem ser visitados em diferentes campos científicos. Podemos vislumbrar trabalhos na área do desenvolvimento sustentável (SILVA, 2008), em uma visão mais ampla abarcando a ideia de Nordeste e todas suas singularidades (ALBUQUERQUE JR., 2006), ou delimitado em áreas como da literatura (BARBOSA, 2000). Nessa perspectiva, o jornalismo também constrói uma representatividade e pode contribuir com seus trabalhos em tal visão.

É nesta última dimensão citada que focalizaremos o trabalho a ser desenrolado. Ao entendermos o jornal como gerador de sentido, apontamos para sua importância no âmbito social e as possibilidades de transformação no modo de agir individual ou coletivo das pessoas a partir das impressões deixadas pelo mesmo. Não entraremos aqui na problemática relacionada aos estudos de recepção da mensagem quanto aos bens culturais produzidos pelos meios de comunicação, mas compreendemos a força do jornal no cotidiano.

Na busca pela representação construída em torno da seca pela mídia impressa, temos trabalhos como “Representação social e discurso sobre o sertão nos jornais de Salvador” (COELHO; SANTOS 2006) e “Ideologia e poder no agendamento do discurso polifônico da imprensa em relação à seca no Nordeste” (ROSADO, 2008) que nos dão as suas contribuições e impressões sobre o tema. A citação dos mesmos deve-se ao fato de que esta pesquisa estará ancorada na análise de um jornal impresso do Estado do Ceará, intitulado Diário do Nordeste, durante os anos de 2001, 2002 e 2003.

A motivação para problematizar o assunto seca e suas facetas na mídia concentram-se em dois fatos importantes para a condução da pesquisa. Primeiro, por estarmos próximos a esta realidade ao sermos integrantes de um Estado atingido pelo fenômeno, que deve ser entendido acima de uma visão meramente climatológica, como veremos adiante. Segundo, pela participação no grupo de pesquisa “Mídia, imagens e representações”, fomentador de debates relativos às temáticas nordestinas, sempre colocando os veículos midiáticos como possíveis mediadores no processo de “entendimento” da região Nordeste.



O trabalho em desenvolvimento tem então o objetivo de compreender as tramas que ocorrem na geração de sentido quanto à seca no Estado do Ceará pela mídia impressa. Isso se dará nas seguintes formas: faremos um levantamento quantitativo no jornal Diário do Nordeste no período de 2001, 2002 e 2003, buscando obter números que apontem a visibilidade obtida pelo tema. Além disso, checaremos quando o tema foi tratado através dos gêneros reportagem ou notícia. Utilizaremos ainda a Análise do Discurso como ferramenta para observar a produção de sentidos a partir do uso da palavra. Entendemos assim que “(...) nos textos, estão expressos, ainda que de modo implícito, pressupostos morais, julgamentos, valores, consolidados nas experiências vividas pelo sujeito que os constrói”. (COELHO e SANTOS, 2006, p.03).

Nesse primeiro momento, definido como introdutório, buscamos dar pinceladas no sentido de explicar como está situado o trabalho, o problema de que irá tratar, o interesse pela pesquisa e o jornal que será utilizado. Nas páginas seguintes, trataremos de expor uma visão crítica sobre a seca tendo o aporte de leituras sobre a mesma. Faremos, posteriormente, uma discussão sobre teorias do jornalismo, conceitos de notícia e reportagem, tendo como referencial teórico os estudos de (VIZEU, 2007), (BENETTI, 2007) e (HERSCOVITZ, 2007). Fechando este artigo, teremos a explanação da metodologia utilizada, o recorte temporal escolhido, o jornal em questão (Diário do Nordeste) e a conclusão a que chegamos até este momento.

## **2. A TEMÁTICA DA SECA**

Há tempos a seca está entre nós (nordestinos, sulistas, no geral brasileiros), seja no sentido de proximidade regional, seja no discurso que aponta a mesma como a responsável pelo atraso econômico e social de algumas regiões, ou através das imagens veiculadas das mais diversas formas. O que a caracteriza está ancorada em dois eixos, sendo um contemplando a seca como fenômeno climatológico causador da falta de chuvas, do empobrecimento do solo ou da baixa do nível de água dos açudes. O segundo eixo abrange a dimensão social desdobrado pela seca.

Nesta, podemos pensar nas famílias e nos trabalhadores que perdem a sua lavoura de milho, feijão ou algodão, na utilização de água imprópria para uso das necessidades



cotidianas, na fome e no abandono da terra. Nessas caracterizações é possível encontrar tanto a formatação de uma identidade regional, quanto da seca “em si”. Regional pelo fato de ser utilizada como demarcação ou diferenciação em comparação a outras regiões do Brasil. “O tema da seca foi, sem dúvida, o mais importante, por ter dado origem à própria ideia da existência de uma região à parte, chamada Nordeste, e cujo recorte se estabelecia pela área de ocorrência deste fenômeno”. (ALBUQUERQUE JR., 2006, p.120).

Pode-se também pensar na aproximação, ou ligação, que é feita entre o semi-árido e a tragédia da seca. Nesse sentido, de demarcação de regiões, o semi-árido brasileiro é também “contemplado” com uma representação, muitas vezes, estereotipada, sendo apontado como local central da incidência das secas. Assim, sertão cristaliza-se no imaginário popular como sinônimo somente de Polígono das Secas, caatinga, atraso e pobreza. Esse discurso histórico pode ser visto difundido na música de Luiz Gonzaga, na obra literária da escritora cearense Raquel de Queiroz, no cinema e nos jornais.

Na compreensão de Durval Muniz de Albuquerque Júnior, em “A invenção do Nordeste” (2006), a construção da identidade desta região, sendo a seca uma de suas características, está ancorada em um sentimento de saudade, do lugar da tradição. Dessa forma, entende-se o fato de representantes provenientes de estados que compõem o Nordeste estarem desenhando seu espaço com valores de sentido imutável, alheio a modificações, dentre outras especificidades.

As soluções para a seca também sofreram (sofrem) de centralização, quando na maioria das vezes as opções para o enfrentamento do problema eram frentes de trabalho, para aqueles que buscavam um modo de sobrevivência, ou a saída hídrica (construção de açudes e barragens), imaginando como sendo a falta de chuvas o grande problema. Essas empreitadas eram, inicialmente, encabeçadas pelo IOCS (Inspeção de Obras contra a Seca), sendo denominado, em 1945, de DNOCS (Departamento Nacional de Obras contra as Secas) e, posterior a essa, pela criação da SUDENE (Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste).



Ambos (DNOCS e SUDENE) têm o objetivo de melhorar aquelas regiões que passam por dificuldades, apostando no desenvolvimento sustentável e convivência do homem com o meio natural, organizando obras (açudes, estradas) e buscando descobrir possíveis potencialidades hídricas da região Nordeste. Porém, podemos pensar que neste momento de criação dos órgãos citados, a região é destacada oficialmente como uma problemática para o Brasil. Ocorre também que críticas são feitas a cerca da infraestrutura formada para o fornecimento dessa água, apontando a lógica de distribuição da mesma como privatista.

A seca, mais que um fenômeno natural, tem raízes políticas e numa cultura privatista de utilização da água. Isso marcou a polêmica de criação de uma infra-estrutura em relação ao fornecimento da água: caso dos açudes públicos que foram construídos em terras privadas. (TUPINAMBÁ apud ARAÚJO, 2007, p.217)

Voltando-se para o recorte espacial estabelecido a esta pesquisa, discutamos um pouco sobre o mesmo. No Ceará, os indícios da primeira seca no Estado remontam ao ano de 1611 quando, possivelmente, o colonizador português Pero Coelho de Sousa teria enfrentado o fenômeno ao rumar em direção à Paraíba. Na história oficial daquela Unidade Federativa, os anos de 1845 e de 1877 até 1879 são destacados como períodos de grandes secas do século XIX. Isso porque nas duas ocasiões o rebanho da província, principal produto da atividade comercial de então (ao lado do algodão), foi quase todo dizimado além de ter provocado a morte de metade da população. Nesse momento, levadas de retirantes se dirigiram à capital Fortaleza, o que provocou uma superlotação na cidade gerando epidemias, como por exemplo, a varíola. Segundo Castro Neves (apud CORRÊA, 2001, p. 13) “sem planejamento, surpresos, os dirigentes buscavam meios de manter os retirantes fora da cidade, seja em obras públicas nas periferias (como a Estrada de Ferro de Baturité), seja embarcando-os para a Amazônia”.

Essas transformações sentidas pela sociedade, a partir de desdobramentos da seca, conferem visibilidade para mesma, e o que era considerado fenômeno climatológico passa a ser compreendida também como uma problemática social. Além da representação historiográfica, a mídia é uma das instâncias que, com suas tramas, constrói um território imagético dotado de sentido. Nessa perspectiva alguns estudos



sobre a representação da seca a partir da produção midiática são concernentes ao analisar fatores que contribuem, ou não, para um possível estereótipo.

Neste caso, temos como trabalhos pertinentes, relativos ao tema aqui discorrido, “Ideologia e poder no agendamento do discurso polifônico da imprensa em relação à seca no Nordeste”, de Cid Augusto da Escóssia Rosado e “Representação social e discurso sobre o sertão nos jornais de Salvador”, das pesquisadoras Lílian Reichert Coelho e Lourivânia Soares Santos. Apesar de o primeiro trabalho “pertencer” à área da lingüística aplicada, temos uma discussão sobre mídia e representação, fator central na pesquisa a qual desenvolvemos e, por isso, torna-se de suma importância para esta.

Porém, observamos uma escassez de estudos quanto à representação que seja feita sobre a seca pela mídia. Nesse sentido, o trabalho verificará quais as possibilidades em que a mesma é apresentada. Este artigo busca, apesar de suas limitações, contribuir para um maior desenvolvimento de pesquisas na área da comunicação social, tomando como “mote” a seca.

### **3. TEORIAS E PERSPECTIVAS DO ESTUDO EM JORNALISMO**

Ao propormos um estudo de análise de conteúdo jornalístico, devemos fazer algumas considerações. Tal perspectiva de estudo sobre a mídia, pode nos por diante de relações que apontem quem produz e quem recebe as notícias, como também, encontrar uma lógica de funcionamento organizacional na construção de dadas informações. Prender-se a uma linha exclusivamente quantitativa poderia nos limitar a compreender os fatos de forma não-contextualizada e, possivelmente, generalizada.

Inserir a dimensão quantitativa em conjunto com a perspectiva qualitativa parece-nos a melhor trajetória a ser seguida. Assim, para Heloiza Herscovitz (2007), a tendência atual na análise de conteúdo seria desconsiderar a dicotomia entre o quantitativo e o qualitativo, mesclando as duas visões para que nos estudos possa ser possível uma compreensão de significado não somente aparente do texto, mas o contexto onde ocorre e seu significado implícito. Dessa forma, um dos objetivos do projeto de pesquisa aqui descrito será fazer inferências sobre conteúdos jornalísticos.



Nessa linha de pensamento, imaginamos também as possibilidades de contribuição que à Análise do Discurso Francesa possa nos fornecer. Isso porque podemos utilizar determinadas ferramentas pertencentes à mesma para conseguirmos mapear as vozes presentes no discurso e identificar sentidos gerados pelo texto jornalístico. Sabemos da complexidade discursiva existente na produção jornalística (sua elaboração vinculada a uma rotina particular, sua relação dialógica, seu discurso polifônico), como também que “O dizer do homem é afetado pelo sistema de significação em que o indivíduo se inscreve. Este sistema é formado pela língua, pela cultura, pela ideologia e pelo imaginário”. (BENETTI, 2007, p.109). Por isso devemos abandonar a ideia ingênua de objetividade.

Para Gaye Tuchman (1996), o que os jornalistas buscam em seu trabalho de ação diário é processar determinadas estratégias como uma forma de se defenderem de possíveis ataques e críticas. Assim, na atividade diária do repórter, voltada na maioria das vezes para a ação e não para a reflexão, o mesmo utiliza-se de determinadas ferramentas para se dizer “objetivo”. Seriam elas: ouvir os dois lados envolvidos no caso, checar as informações sobre determinado fato, o uso de citações da opinião de fontes (que em alguns casos acaba gerando o chamado jornalismo declaratório), a estruturação textual (dispondo os fatos em uma espécie de “cadeia hierárquica” no texto), como também, utilizando-se de provas auxiliares que corroborem uma possível afirmação anterior feita pelo jornalista.

Porém, isso não quer dizer que a dimensão subjetiva presente no repórter seja excluída e deixe de interferir no discurso jornalístico. Ao utilizar, por exemplo, a afirmação de fontes entre aspas em uma notícia fica explícito que tal opinião é pertencente a uma pessoa qualquer, menos ao repórter. Mas, de maneira implícita, as fontes escolhidas para serem entrevistadas ou o “recorte” feito pelo jornalista da declaração dada, podem expressar um forma de comportamento profissional. Neste caso, “embora o repórter concordasse com todas as afirmações e termos inclusos entre aspas, estas permitiram-lhe afirmar que não inserira as suas opiniões na notícia”. (TUCHMAN, 1996, p.74).

Assim, temos a Teoria Construcionista, surgida nos estudos de jornalismo nos anos 70 do século XX, como uma visão que se contrapõe ao paradigma positivista de



objetividade. Pensar, pois em um jornalismo que refletiria a realidade tal como ela é seria refutável para o construcionismo. O que se pode imaginar é a construção subjetiva de representações para uma dada realidade (neste caso, a seca). Dessa forma, o jornalismo constrói sentidos em uma sociedade interferindo e sendo interferido das mais diversas formas. Estudar os sentidos do texto seria então romper a barreira visível e buscar uma dimensão ideológica a partir das formações discursivas presentes. É através destas que poderemos tomar contato com sentidos construídos sobre a seca.

O estudo das vozes na narrativa jornalística percorre uma outra dimensão, mas também ancorado no discurso. “O discurso jornalístico é, idealmente, polifônico – por ele circulam diversas vozes. (...) podemos citar como vozes: as fontes, o jornalista-indivíduo que assina o texto, o jornalista instituição quando o texto não é assinado, o leitor que assina a carta publicada”. (BENETTI, 2007, p.115-116). Porém, isso não quer dizer que as múltiplas facetas de um tema em discussão sejam abordadas. A variedade de vozes não define necessariamente um discurso polifônico. A abordagem jornalística pode mostrar-se monofônica mesmo com mais de uma fonte prestando seu depoimento. Por isso, é necessário entender a perspectiva em que se inscrevem as vozes discursivas nas reportagens/notícias.

Na seguinte pesquisa é preciso atentar-se também para quais seriam os critérios de noticiabilidade empregados nas notícias e reportagens referentes à seca. O jornalista ao trabalhar com fatos está inserido em um espaço caótico, mas que precisa ser organizado e sistematizado. Dessa forma, em tais critérios de noticiabilidade estão inscritos valores-notícia que direcionam a atividade jornalística para um fechamento diário (*deadline*). Ou seja, existem fatos que através de critérios de noticiabilidade tornam-se notícia.

No processo de produção da notícia, os valores-notícia operam no sentido de possibilitar uma certa organização no caos circundante, tornando, assim, possível a rotinação do trabalho. Isto é, são contextualizados nos procedimentos produtivos porque aí adquirem sentido, desempenhando a sua tarefa e se revestindo daquela aparência de bom-senso que os torna, aparentemente, elementos dados como certos, elementos naturalizados. (VIZEU, 2007, p.231).

Nessa perspectiva, de valores-notícia, temos: o impacto que determinado fato tem sobre o interesse nacional; quantidade de pessoas envolvidas no fato (principalmente as





famosas); fatos que possam vir a sofrer desdobramentos, que não se esgotam em si, etc. A atividade jornalística está centrada em uma ideia de ruptura com a normalidade, sendo que essa quebra (o fato) torna-se normalidade ao estar presente diariamente no jornal. São tramas diárias dependentes de espaço no jornal, tempo de apuração do fato, presença de repórteres especiais no local do acontecimento que podem interferir diretamente na notícia, um bem público. Bem público esse gerado por “mediadores creditados, autorizados, entre a cidadania e o poder, construindo assim uma parte da realidade social”. (VIZEU, 2007, p.224).

#### **4. PROPOSTA METODOLÓGICA**

Discutir e problematizar a representação da seca pela mídia tem se mostrado como sendo algo complexo e necessário. Isso porque a mesma não gera um fim em si. Sua presença modifica não apenas o clima, mas as várias dimensões culturais (economia, história, geografia, tecnologia, dentre outras). A escolha de penetrar na dimensão comunicacional com o objetivo de buscar o entendimento, não em sua totalidade, está ancorada em pressupostos. A existência ou não de estereótipos sobre a seca deve ser investigada, no intuito de compreender quem a constrói e como se dá tal processo. Foi pensando assim que escolhemos um jornal impresso, Diário do Nordeste, para observarmos de maneira crítica seu discurso e representação sobre o tema, afinal, como afirma o próprio manual de redação do jornal Folha de S. Paulo:

Sendo um registro taquigráfico da história, o jornalismo sofre necessariamente o primeiro impacto dos fatos. Até por isso convém que ele seja reexaminado periodicamente, a fim de aferir se sua atividade está sendo capaz de projetar alguma luz para além da efervescência dos acontecimentos (...). (2010, p.10).

No Estado do Ceará, com notória expressividade, circulam atualmente dois jornais impressos. São eles o Diário do Nordeste e O Povo<sup>4</sup>, sendo o primeiro o escolhido para análise. Ambos têm suas sedes na capital Fortaleza e estão ligados a grupos empresariais. A escolha pelo jornal Diário do Nordeste deve-se a dois fatos: primeiro por tratar-se de um periódico regional com circulação em todo o Estado do Ceará. Segundo, o mesmo disponibiliza suas edições digitalizadas para pesquisa constando os

---

<sup>4</sup> Segundo o IVC (Instituto Verificador de Circulação), as tiragens dos jornais citados no ano de 2008 foram, respectivamente, 43.477 e 25.492 exemplares.



anos que compreendem o recorte temporal desta (2001, 2002 e 2003), viabilizando assim a mesma.

Sendo constituinte do oligopólio Sistema Verdes Mares de Comunicação, o jornal Diário do Nordeste é proveniente de investimentos de outros setores que se diversificaram na direção da comunicação (MARINONI, 2008, p.100). Fundado em 1981, pelo empresário já falecido Edson Queiroz, o jornal possui o maior número de leitores na capital cearense, Fortaleza. O mesmo sustenta a marca de 79% de leitura entre os jornais locais e possui circulação em todos os municípios do Ceará. Além disso, mantém sucursais nas cidades interioranas de Juazeiro do Norte, Crato, Crateús, Iguatu, Sobral, Quixadá e Limoeiro do Norte.

Atuando em diversas áreas comerciais, além da comunicacional, o grupo empresarial comanda atividades nos ramos da distribuição de GLP, água mineral e bebidas prontas, mineração, eletrodomésticos, agroindústria e educação. Já no campo da comunicação, o Sistema Verdes Mares possui 7 veículos sendo eles:

- Jornais: Diário do Nordeste
- Rádios: Verdes Mares AM, FM 93, FM Recife
- Televisões: TV Verdes Mares, TV Diário
- Portal Virtual: Portal Verdes Mares
- Revista: Gente

Esse breve histórico serve como contextualização para que possamos entender a lógica de atividades concernentes a este jornal impresso. Podemos ainda problematizar sobre quais seriam os seus leitores. Em um Estado com uma população total de 8.180.087 habitantes, como é o caso do Ceará, observamos a disparidade entre a quantidade de exemplares em circulação do jornal Diário do Nordeste e número total de cearenses. Assim, pode-se dizer que se trata de um veículo de comunicação de massa, mas com um público segmentado, restrito a determinados indivíduos.

Estabelecemos ainda para a pesquisa seu recorte temporal que abrange os anos de 2001, 2002 e 2003. Deste modo, cabe aqui explicitar quais pressupostos foram levados em consideração para a tomada de tal viés. Em sequência cronológica, começemos pelo ano



de 2001. Trata-se de um ano com ocorrência de seca no Ceará, servindo desta forma para analisarmos o comportamento do impresso Diário do Nordeste perante o fato. O ano de 2002 foi destacado por ser um momento de período eleitoral para Presidência da República do Brasil. De forma teórica, imagina-se que este seria um momento onde os principais temas sociais seriam debatidos e expostos pela mídia, sendo a seca um desses. Por último, e não menos, importante temos o ano de 2003, data em que surge o projeto governamental Fome Zero.

Não se trata, neste caso, de um programa voltado exclusivamente para o Ceará, ou com um direcionamento para combater a seca. Porém, ao defender uma política de segurança alimentar, caminha de forma indireta para um dos desdobramentos do fenômeno. Relativos ao período temporal da pesquisa existem ainda projetos do Governo Federal como o Garantia Safra e Pronaf. É neste sentido temporal e espacial que iremos desenvolver a pesquisa.

Trabalharemos com o objetivo de chegar a uma conclusão quanto à visibilidade obtida pela seca no Diário do Nordeste. Para isso, faremos um levantamento quantitativo no banco de dados do jornal durante os anos citados há pouco. Observaremos quando o tema foi tratado através de notícias ou reportagens, quando aconteceu o seu período de maior visibilidade e quais seriam os fatores responsáveis pelo fato. Excluimos outros gêneros jornalísticos presentes no Diário do Nordeste, como os editoriais, por estarem em uma dimensão mais opinativa. Não bastará porém ter em mãos por quantas vezes a seca esteve presente no jornal, mas também como ela foi tratada, quais são as vozes presentes nos textos e qual o sentido imagético-discursivo presente. Neste caso, teremos também uma visão qualitativa sobre os fatos.

Neste momento uma das hipóteses que pretendemos desenvolver, mas que provavelmente durante o decorrer da pesquisa surgirão outras, é da mudança de perspectiva do discurso jornalístico, deixando a ideia de combate à seca para convivência com ela. A mesma será testada juntamente aos dados obtidos no jornal Diário do Nordeste.



## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste momento inicial de pesquisa, o projeto que aqui foi descrito tem conhecimento dos seus limites, como também de suas atribuições. Dessa forma, vislumbram-se possibilidades de desdobramentos para esta proposta de estudo. Sendo assim, um segundo momento do trabalho vem a ser a apresentação e análise dos dados obtidos no ano de 2001. Com isso, será necessário também propiciar discussões inerentes ao ano a pouco citado. De forma respectiva, trabalharemos também com os anos de 2002 e 2003 e a apresentação dos dados concernentes a tais.

Outra possibilidade para pesquisa tem a ver com um possível Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) desenvolvido em torno da temática da seca, estando inserido em uma discussão sobre representações midiáticas. Com este intuito, poderemos pensar em um futuro estudo comparativo entre jornais do Ceará, ou do Nordeste, e jornais do Sul ou Sudeste.

Há ainda o objetivo da pesquisa de querer contribuir com trabalhos na área da comunicação sobre a representação da seca. O trabalho buscou então, fazer uma revisão bibliográfica sobre teorias do jornalismo que possam auxiliar em desdobramentos futuros, como também, problematizar o tema da seca e dar os primeiros passos rumo a um entendimento maior sobre tramas jornalísticas, rompendo a barreira do senso comum.

## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

ARAÚJO, Felipe. (Org.). **Pensar o mundo amanhã**. Fortaleza: Demócrito Rocha, 2007.

BARBOSA, Ivone Cordeiro. **Sertão: um lugar incomum – O sertão do Ceará na literatura do século XIX**. Rio de Janeiro: Relume Dumará; Fortaleza, CE: Secretaria de Cultura e Desporto do Estado, 2000. (Coleção Outro Diálogos; 5).

COELHO, Lílian Reichert; SANTOS, Lourivânia Soares. Representação social e discurso sobre o sertão nos jornais de Salvador. Dez. 2008. Disponível em: <[http://www.revistas.uepg.br/index.php?journal=folkcom&page=article&op=viewFile&path\[\]=642&path\[\]=469](http://www.revistas.uepg.br/index.php?journal=folkcom&page=article&op=viewFile&path[]=642&path[]=469)>. Acesso em 18 abr. 2011.

CORRÊA, Marlene. **Ceará: história para a construção da cidadania**. São Paulo: FTD, 2001.

LAGO, Cláudia; BENETTI, Márcia. **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.



ROSADO, Cid Augusto da Escóssia Rosado. **Ideologia e poder no agendamento do discurso polifônico da imprensa em relação à seca no Nordeste**. Natal, 2008. 122 p. Dissertação (Mestrado em Linguística aplicada). Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

SILVA, Roberto Marinho Alves da Silva. **Entre o combate à seca e a convivência com o Semi-árido: transições paradigmáticas e sustentabilidade do desenvolvimento**. Fortaleza: Série BNB teses e dissertações, n. 12., 2008.

SOUSA, Bruno Marinoni Ribeiro de. **Sistema Verdes Mares de Comunicação e Indústria cultural Brasileira ou das técnicas modernas para sereias concorrerem em ambientes oligopolizados**. Recife, 2008. 141 p. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Centro de Artes e Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco.

TRAQUINA, Nelson. (Org.). **Jornalismo: questões, teorias e “estórias”**. Lisboa: Vega, 1996.

**Manual de redação da Folha de S. Paulo**. São Paulo: Publifolha, 2010.